

CAROLINA MARTINEZ

*Todavia, Caminhar*

06.05.23 - 10.06.23

GALERIA  
MARILIA  
RAZUK

## *Todavia, o espaço (em cor) dança*

Entre a casa  
e o acaso

entre a jura  
e os jogos

entre a volta  
e as voltas

a morada  
e o mar

penélopes  
e circes

entre a ilha  
e o ir-se

Ana Martins Marques

À primeira vista, a produção de Carolina Martinez (Rio de Janeiro, 1985) parece engendrar uma precisão espacial e pictórica, uma espécie de ancoragem precisa e definida em arranjo formal e elegante. Trata-se do que está na superfície do nosso olhar mais desatento, vinculado e adestrado para uma percepção apressada e ansiosa: um claro vínculo à captura de nossa atenção dispersa em tempo de telas e sua luminosidade frenética.

É justamente nessa imprecisão da nossa primeira mirada que as obras da artista nos levam ao engano. A valer, os trabalhos põem em xeque essa percepção acelerada, ainda mais quando estão em potência coletiva na composição espacial de um cubo branco; por hora, subvertido – a sala expositiva da galeria. Entre sonho e realidade, os trabalhos te convocam a construir caminhos e descaminhos dos mais variados e com propósito de aberturas, passagens e imprecisões permanentes.

Portanto, é a partir desse desconforto intrigante que as peças instaladas evocam que devemos mergulhar a nossa percepção na mostra – *Todavia, caminhar*. Nesta dada situação, nosso corpo é compelido ao movimento, a delinear trajetos: frente e volta, esquerda e direita, horizonte e opacidade, topo e chão. A fruição é de sobremaneira ativa: o espaço da experiência sensitiva de cada um e a consciência contextual parecem exercer papel central na construção perceptiva de cada um. Não raro, a própria compleição física do espectador – altura, vista, tamanho dos passos, posição de equilíbrio – parecem perturbados na resposta ao que é materialmente dado a ver.

É doravante essa possível transitoriedade permanente de compreensão das obras no espaço que faz com que colidam e sejam tensionadas três linguagens fundamentais da produção contemporânea: as fronteiras da pintura, a ativação da escultura e adaptabilidade da dança. Se me permitem: a prática artística da Carolina Martinez é – para além de um diálogo poético com o espaço de nossa existência – o próprio espaço que dança. Há, na medida em que caminha, a sugestão de coreografias espaciais possíveis, cada qual com horizonte, profundidade e cores próprias.

Essa dança que tende à imensidão e a indefinição de começo e fim, muito fora do lugar objetivo da exposição, parece reaver o que o filósofo francês Gaston Bachelard, em seu *A poética do espaço*, chamou de “imensidão íntima”. Mergulhar no contexto expositivo da artista é, em certo sentido, ser confrontado com um ambiente meditativo e intimista, só que claramente infinito; um lugar impreciso que a vista já não mais alcança. Em uma de tantas de nossas conversas, Carolina Martinez ressaltou a convergência espacial em seus trabalhos de uma composição-forma que foi adjetivada como “meditativa”: qual seja, um lugar aberto à reflexão que se deflagra muito distante também da própria ação contemplativa.

Desde a instalação das peças que compõem a série *Toda Vida*, cercadas pela geometria da sala que, por sua vez, recebe as produções bidimensionais, o espaço organizado coloca o visitante na possibilidade do devaneio reiterado por Bachelard em sua análise fenomenológica e poética do espaço. Aqui, é a vivência íntima protagonizada por cada um de nós. Estar diante dos trabalhos de Carolina Martinez, em coreografia, é estar também na condição de acessar o signo do infinito. De modo geral, duas instâncias se entrelaçam e dão medida à produção da artista: a conjugação entre espaço e tempo, já que cada obra em si – tanto na série *Plaquinhas*, em que a tinta impregna o concreto, como nas pinturas, em que a tinta impregna a madeira – movimentos no espaço da percepção se insinuam, ganhando gravidades, profundezas, elevações ou, até mesmo, os mais variados caminhos.

Mesmo que já reiterado em outras ocasiões, não há como não mencionar o lugar formativo da artista: a produção de conhecimento dos campos correlatos da arquitetura e do urbanismo. Carolina é arquiteta de formação e, dessa condição, extrai repertório e ferramentas para construir seu corpo de trabalhos. A partir da total consciência de uma des-funcionalidade da arte, a artista propõe sua

aventura poético-espacial, quase sempre em um lugar fronteiro da dinâmica espacial da vida.

Por isso, outra leitura apressada, ainda que pertinente, é associar a sua prática artística à tradição construtiva da arte brasileira. Todavia, a abertura espacial que o trabalho promove se contrapõe ao equilíbrio premeditado da construção racional que esteve ensejada no que nossa arte concreta e nossa arquitetura moderna almejam alcançar. As formas da tinta acrílica sobre a madeira, as peças volumétricas em concreto ou a longilínea peça de madeira que toma conta da sala são presumíveis pontos de partida para a leitura poética de suas mais variadas produções.

Aliás, há na exposição uma peça de madeira que se insinua e demarca todo o espaço expositivo. Essa espécie de "rodapé", que também pode ser um "rodateto" a depender de como o olhamos, percorre toda a geometria ortogonal e áspera da sala, criando quase que uma linha guia para a condução da vista. Se ele de partida funciona como elemento de amarração formal de todas as obras e, por vezes, como dispositivo de apoio e suporte, é também um gesto de intervenção arquitetônica efêmera. A madeira crua entra como um gênero de materialidade efêmera que corrompe o espaço arquitetônico interior da sala, suspendendo temporariamente as convenções da arquitetura doméstica. A meu ver, este gesto artístico é a formulação de um parapeito aberto para o mundo imaginado da artista, na medida em que nos guia para a observação de trabalho por trabalho e, por fim, na associação entre eles.

Na medida em que caminhamos e desviamos nosso olhar com a presença desse rodapé/rodateto, temos a possibilidade de colocar em xeque o que é fora e o que é dentro, e vice-versa. Afinal, cada obra bidimensional ali disposta e orientada pelo fio de madeira nos abre para um lugar de potencial infinitude; tudo coordenado pela dança sugerida das cores ali impregnadas nas formas geométricas. É como uma espécie de jogo de ida e de volta, um movimento que nos direciona entre a segurança objetiva da casa, lugar em que aparentemente temos controle, e o acaso que nos domina do lado de fora. Também, a instalação de madeira que entrelaça o espaço de exposição formula uma triangulação plausível de intenções: é ela uma obra site-specific, um dispositivo arquitetônico ou um recurso cenográfico?

Não temos a precisão de uma resposta, mas estamos sujeitos a uma instância ambígua, condição inerente às intenções da artista.

Por ora, uma outra pista de leitura que a artista nos fornece encontra eco na titulação poética dos trabalhos em madeira recobertos por volumetrias em cor. São elas as quatro pinturas nomeadas: Face serena, Escolha, A surpresa do caminho e Lanterna. Cada uma formula mundos que se abrem a quem as vê e adentra. São buracos, passagens, labirintos, caminhos, ambientes e movimentos estruturais e geométricos que nos levam às paisagens fora da aridez da realidade. Pode-se dizer que, assim como elucidado pela poeta Ana Martins Marques, "entre a ilha e o ir-se", Carolina Martinez nos oferece o devaneio de novos espaços existentes em uma condição não palpável. Afinal, a vida não se faz tão somente na concretude da cidade e da casa, mas também em imaginação e sonho. Apesar dos nossos paulatinos obstáculos e retornos, todavia, é preciso caminhar.

Diego Matos  
Abril de 2023

[1] Versos do poema que abre as duas seções do livro da poeta Ana Martins Marques. Sua versão integral pode ser lida no livro *Da arte das armadilhas* (São Paulo, Companhia das Letras, 2011).